

Dicionários e Enciclopédias. Reflexões para um projeto de Enciclopédia dos Estudos da Tradução

Abstract: This article raises a number of questions that will have to be tackled by anyone who plans to write an encyclopaedia. The main problems that will have to be discussed are: deciding on the classification system (semasiological or onomasiological); choosing the nomenclature; deciding on what to privilege, macrostructure or microstructure; establish the kind of audience; and decide on whether or not a bias will be tolerated.

Keywords: Lexicography, encyclopedias, dictionaries.

Resumo: Este artigo discorre sobre alguns problemas que devem aparecer na hora de planejar uma enciclopédia. As principais questões que deverão ser resolvidas são: decidir sobre a classificação (semiológica ou onomasiológica), escolher a nomenclatura, decidir se privilegiar a macroestrutura ou a microestrutura, escolher o público e decidir se será tolerado um viés ou não.

Palavras-chave: lexicografia, enciclopédias, dicionários.

As enciclopédias são muitas vezes tratadas lado a lado com os dicionários. Isso tem uma razão. Ambos os tipos de obra são vistos como uma espécie de “repositório de verdades objetivamente controláveis”. Numa cultura secularizada, em que todos são convidados a duvidar de tudo, o dicionário e a enciclopédia despontam como tábuas de salvação. É um movimento de “desestabilização” que começou há mais de quinhentos anos. Como diria Dom Quixote, “todo es artificio y traça (...) de los malignos magos que me persiguen”.

O dicionário e a enciclopédia são considerados meras transcrições do mundo. O dicionário é uma transcrição das palavras. A enciclopédia é uma transcrição das coisas. É uma empresa ingrata. A opinião comum é: “dicionários, não é só sentar e fazer?” Assim as enciclopédias também seriam “sentar e fazer”. O mundo está aí, falta apenas traduzi-lo em palavras.

No caso dos dicionários, o público considera que lá está tudo o que se sabe com certeza, e sem lugar a dúvida, sobre as palavras. No

caso das enciclopédias, lá está tudo o que se sabe, sem lugar a dúvida, sobre as coisas. As enciclopédias, aliás, fazem supostamente, e exatamente, o recorte do que se sabe com certeza.

Pessoas educadas sabem que pouco se sabe com certeza, mas elas assumem que “o que se sabe com certeza” está na enciclopédia. O resto é deixado de fora.

Grosso modo, este raciocínio era verdade até o século XIX. A enciclopédia que vem à mente, espontaneamente, é a *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert. Ela continha tudo o que o mundo ocidental sabia naquela época. Mas esta enciclopédia também refletia o espírito do tempo, o espírito da incipiente Industrialização, ela era anticlerical e tinha outras características que mostravam que a objetividade da enciclopédia pode estar dentro das intenções dos autores, mas fora das realizações.

Isso pode ser exemplificado pela classificação que é operada numa enciclopédia e que deixa necessariamente coisas de fora. É um retrato do que uma sociedade, a um determinado momento de sua evolução, acha “conhecível”, ou até mesmo “acreditável”. Plínio o Velho, enciclopedista, não viu problema em incluir animais lendários em sua *Historia Naturalis*. São Jerônimo incluía a etimologia das palavras acreditando que a origem da palavra escondia “o sentido verdadeiro dos nomes e das coisas” (Rey, 1982, p. 25).

Os problemas da enciclopédia são em parte os do dicionário, tanto que nas duas áreas as perguntas fundadoras são as mesmas. A fronteira entre os dois tipos de obra é tênue. Nem os dicionaristas, nem os enciclopedistas conseguem responder com confiança à pergunta “isso cabe no dicionário, ou cabe na enciclopédia?” Isso, seja dito de passagem, deu lugar aos “dicionários enciclopédicos”, que decidem a questão incluindo tudo, embora em tamanho reduzido.

Quem planeja um dicionário ou uma enciclopédia deverá:

- decidir sobre a classificação: semiológica ou onomasiológica
- escolher a nomenclatura
- decidir se privilegiar a macroestrutura ou a microestrutura
- escolher o público
- decidir se tolerará um viés ou não

No que segue, vou discorrer sobre alguns desses pontos. Às vezes fica difícil separar cada item, tanto eles estão relacionados.

Semiológico ou onomasiológico?

A classificação dos itens nunca foi uma matéria pacífica, nem nos dicionários, nem nas enciclopédias. A decisão pela classificação alfabética, ou “semiológica”, que hoje nos parece tão obviamente mais racional, foi durante muito tempo combatida por ser arbitrária. Coleridge, enciclopedista entre outras ocupações, se mostrou particularmente virulento no debate: “chamar uma miscelânea enorme, sem nexos, de *omne scibile* (tudo o que pode ser conhecido), num arranjo determinado pelo acaso das letras iniciais, uma enciclopédia, é a ignorância impudente dos compiladores Presbiterianos”¹.

Mais do que no caso dos dicionários, onde o número de defensores de uma classificação racional dos vocábulos também é grande, no campo das enciclopédias, a tendência de juntar os assuntos pela relação que eles têm entre eles no mundo real sempre foi muito grande. Foram, desta maneira, ensaiados vários tipos de classificação ao longo dos séculos, classificações que, toda vez, refletiam a visão do mundo que dominava naquela época. Podemos lembrar aqui um trecho de um conto de Borges que ilustra *per absurdum* a visão do mundo expressa por meio da classificação de uma enciclopédia:

Esas ambigüedades, redundancias y deficiencias recuerdan las que el doctor Franz Kuhn atribuye a cierta enciclopedia china que se titula Emporio celestial de conocimientos benévolos. En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen en (a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas (Borges, 1980, vol. 2, p. 223).

Houve também, desde cedo, classificações híbridas. Assim, a enciclopédia de São Isidoro (560-636) era subdividida por assuntos, mas continha também um dicionário etimológico com uma classificação alfabética. Depois, para dar outro exemplo da relatividade da classificação, dependendo do espírito intelectual da época, durante muitos séculos foi considerado óbvio que toda enciclopédia teria que começar com uma classificação que respondesse às Sete Artes Liberais: o Trivium e o Quadrivium.

Francis Bacon, em sua *Instauratio magna* (1620) subdivide a enciclopédia em “A natureza externa” (astronomia, meteorologia, geografia, minerais, mundo vegetal, mundo animal), “O homem” (anatomia, fisiologia, estrutura e forças, ações), e “A ação do homem na natureza” (medicina, química, artes plásticas, os sentidos, as emoções,

as capacidades intelectuais, arquitetura, transporte, a imprensa, agricultura, navegação, aritmética e outros).

Coleridge, no seu projeto de *Encyclopædia Metropolitana* (1817), fez um plano diferente: ciências puras e formais; ciências mistas e aplicadas, ciências biográficas e históricas com classificação cronológica; miscelânea e lexicográfico; e índice analítico².

As enciclopédias modernas foram, de um modo ou de outro, calçadas na classificação de Bacon e Coleridge. A classificação de uma enciclopédia pode parecer um aspecto secundário, mas, na verdade, é central. Se for escolhida uma classificação alfabética vai-se, de qualquer forma, ter que decidir qual vai ser a nomenclatura. Isso pressupõe um mapeamento necessariamente onomasiológico do campo a ser “enciclopedizado”.

Em nível de microestrutura, a classificação terá que ser onomasiológica, tanto mais quanto a nomenclatura for breve. Quanto maior a nomenclatura, menos decisões terão que ser tomadas em nível de microestrutura.

O Brasil foi consideravelmente influenciado pela tradição anglo-saxônica. Vale a pena considerar uma classificação diferente da que conhecemos: a da *Encyclopédie Française*. Sua publicação foi começada nos anos 30 e interrompida pela Segunda Guerra Mundial. Esta enciclopédia francesa tinha como projeto apresentar a subdivisão seguinte: *As ferramentas mentais, A Vida, Os Seres vivos, O Ser humano, A Espécie humana, A Vida mental, O Estado, A Educação e a Instrução, Artes e Literaturas, A Civilização escrita*³. Como preencher volumes com esses títulos, não sendo francês?

Com efeito, não só a época influi na subdivisão de uma enciclopédia. Não só o momento histórico influencia o recorte que ela faz do mundo. A nacionalidade, os moldes nos quais se é ensinado a pensar, também inspiram a confecção de uma obra deste tipo de maneira determinante. Que mais provas do que os títulos de algumas enciclopédias chinesas, uma delas chamada: “Sons originais em cinco direções”. Não é por acaso que Borges escolheu esta etnia para exercer sua ironia enciclopédica.

A escolha de um princípio classificador não é um detalhe. Ele é o princípio gerador de toda a enciclopédia. No caso da classificação ser alfabética, precisa ser estabelecida a nomenclatura. Esta nomenclatura também será o resultado de uma avaliação do campo a ser inventariado, ou seja, de uma classificação onomasiológica. Se for levado em conta o habitual caráter educativo da enciclopédia, esta classificação onomasiológica será tornada explícita. No caso contrário, pode-se dei-

xar ao critério do leitor a ordem de leitura e o peso a dar a cada um dos elementos da obra.

O viés

Borges era um amante das enciclopédias. Mesmo depois de cego, ele conta que foi presenteado com uma enciclopédia Brockhaus e que sentia a presença dela na sala, sem poder lê-la. Em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, conto que gira todo em torno de uma enciclopédia, o escritor não poupa as enciclopédias de uma crítica: “Leímos con algún cuidado el artículo. El pasaje recordado por Bioy era tal vez el único sorprendente. El resto parecía muy verosímil, muy ajustado al tono general de la obra y (como es natural) un poco aburrido”.

É verdade que as enciclopédias, tentando justamente apresentar seu conteúdo como estando acima de qualquer suspeita pessoal, tentam homogeneizar e pasteurizar o estilo dos autores participantes.

A “objetividade” é considerada uma característica necessária nas enciclopédias de algumas nações. Esta objetividade é mais facilmente realizável nos dicionários, onde se descreve palavras com palavras. Nas enciclopédias, onde se descrevem com palavras as coisas, essa objetividade é mais difícil de ser alcançada. Ainda mais quando se abandona o campo das ciências exatas ou, o que Bacon chamaria de a “Natureza externa”.

A pergunta é, na realidade, se a enciclopédia deve ser “objetiva”, já que esta meta é inalcançável. Secundariamente, seria possível se perguntar se o fato de veicular opiniões informadas não resulta mais interessante para o leitor do que frias informações. Afinal de contas, “o mundo é nossa representação”, como dizia Schopenhauer, e não esconder totalmente de quem é essa representação pode resultar num artigo mais fornido.

Até pouco tempo atrás se podia comparar os dois estilos tomando, por um lado, a *Britannica* anglo-saxônica e, por outro, a *Universalis* francesa. Na *Universalis* cada autor assina seu artigo. Na *Britannica* há só uma inicial, cujo significado o leitor pode procurar num volume separado. É notável que a *Enciclopédia Britannica* fosse, até pouco tempo atrás, muito mais anônima ainda, tão anônima que hoje se reproduzem artigos “clássicos” cuja autoria foi se perdendo com o tempo. O fato dos artigos hoje serem assinados implica num reconhecimento de que pouco se sabe com certeza, e alguma coisa depende do ponto de vista. Ao mesmo tempo, isso reforça a idéia de que cada indivíduo é pessoalmente responsável pelo que escreve.

Também é de se notar que quanto mais restrito o tópico da enciclopédia, menos provável que os artigos não sejam assinados. Numa enciclopédia de “Artes plásticas na época de Péricles” é provável que todos os artigos sejam assinados ou que, mais provável ainda, a obra tenha sido toda escrita por uma só pessoa.

O aspecto pedagógico da enciclopédia

Mais do que no caso do dicionário, a enciclopédia teve uma missão pedagógica, não raras vezes acompanhada de um objetivo religioso. Se certas religiões ou seitas estão convencidas que a busca do conhecimento só desvia do caminho da sabedoria, outras fazem coincidir o conhecimento puro com o conhecimento da verdade, a união com Deus. Sem sempre querer levar o empreendimento a extremos místicos, a enciclopédia não deixa de ter uma preocupação pedagógica. O usuário consulta a enciclopédia para se informar e se formar. Ele espera algum tipo de conhecimento que o transforme e eduque. No caso do usuário mais esclarecido, é provável que ele saiba que a objetividade, em muitas áreas, não existe, admitindo desta forma um viés. Apesar disso, o usuário quer “aprender” ao consultar a enciclopédia e não somente, ou principalmente, se divertir. Bibliografias são, por isso, uma característica das enciclopédias. Elas são, mais do que antes, quando só havia elas, o ponto de partida para o estudo de um tema sobre o qual existe um vasto número de escritos que não poderiam ser nunca resumidos em um artigo só.

O público

Finalmente existe a questão do público. Há enciclopédias para adultos em geral, para crianças, para jovens. O público determina o formato da enciclopédia. Os autores têm que saber para quem estão escrevendo. Determinar o perfil do público é uma das tarefas iniciais de toda obra de referência. No caso de uma Enciclopédia de Estudos da Tradução, o público será sem dúvida composto de pesquisadores em tradução, professores, mestrandos e doutorandos. Mas conhecemos o perfil de cada qual? Provavelmente não será difícil determiná-lo, mas pesquisar detalhadamente suas necessidades e características, poderia ser uma experiência surpreendente, além de ajudar na hora de fazer a nomenclatura. Não só o mapeamento da área deve ser levado em conta, também as necessidades do público alvo.

Notas

1. Coleridge was to hold, that “to call a huge unconnected miscellany of the omne scibile, in an arrangement determined by the accident of initial letters, an encyclopaedia, is the impudent ignorance of your Presbyterian bookmakers!” *Encyclopedia Británica* (1999), artigo “encyclopedia”.
2. Pure Sciences – Formal (philology, logic, mathematics) and Real (metaphysics, morals, theology); Mixed and Applied Sciences – Mixed (mechanics, hydrostatics, pneumatics, optics, astronomy) and Applied (experimental philosophy, the fine arts, the useful arts, natural history, application of natural history); Biographical and Historical, chronologically arranged; Miscellaneous and Lexicographical, a gazetteer, and a philosophical and etymological lexicon. The fifth class was to be an analytical index.
3. L’Outillage mental, La Vie, Les Êtres vivants, L’Être humain, L’Espèce humaine, La Vie mentale, L’État, Éducation et instruction, Arts et littératures, La Civilisation écrite.

Referências

- Borges, J. L. *Obras Completas*. Barcelona: Bruguera, 1980.
- Collison, R. L. *A History of Foreign-Language Dictionaries*. London: Deutsch, 1982.
- Collison, R. L. *Encyclopaedias: Their History Throughout the Ages*. London/New York: Hafner, 1966.
- Green, J. *Chasing the Sun. Dictionary. Makers and the Dictionaries they made*. New York: Herny Holt and Company, 1996.
- Rey, A. *Encyclopédies et dictionnaires – Que sais-je ?* Paris: P. U. de France, 1982.

Enciclopédias

- Enciclopédie Universalis 10* (édition électronique).
- Encyclopedia Britannica* (electronic edition), 1999.